

## VIVÊNCIAS DE CAMPO NA CRACOLÂNDIA PAULISTANA

PAOLA DE OLIVEIRA CAMARGO<sup>1</sup>; LIENI FREDO HERREIRA<sup>2</sup>; MICHELE  
MANDAGARÁ DE OLIVEIRA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [paolacamargo01@hotmail.com](mailto:paolacamargo01@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [lieniherreraa@hotmail.com](mailto:lieniherreraa@hotmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [mandagara@hotmail.com](mailto:mandagara@hotmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A escolha da doutoranda em realizar a coleta de dados da tese de doutorado em outra cidade e estado, se deu através da necessidade de conhecer outras cenas de uso e outras políticas públicas locais relacionadas ao uso de substâncias psicoativas e estratégias de Redução de Danos.

Em relação a temática escolhida para a tese, definiu-se como foco as relações de trocas entre usuários de substâncias psicoativas e os redutores de danos na cidade de São Paulo. Assim, com o objetivo de conhecer outras cenas de uso, mais especificamente a maior cena de uso de crack do Brasil, a proposta de realização da coleta de dados em São Paulo se apresentou com uma possibilidade de conhecer de forma real outro cenário, outras atividades, outras políticas públicas e diferentes realidades.

Para o desenvolvimento deste projeto, foi selecionada uma Organização não Governamental (ONG) de São Paulo, para que fosse possível vivenciar a realidade destes usuários e redutores de danos na Cracolândia paulistana. Percebendo o quanto esta experiência poderia facilitar a formação de parcerias acadêmicas com outras instituições, para ampliar o olhar a essa população, sendo também um momento de crescimento profissional e pessoal para a doutoranda, por vivenciar um território novo e cheio de desafios. Esta vivência se apresentou como uma forte aliada para um aprofundamento teórico acerca das estratégias de redução de danos e das diferentes cenas de uso de crack, colaborando para o alcance dos objetivos propostos no projeto de tese.

De acordo com Adorno et. al (2013), o real cotidiano da região da Cracolândia paulistana e a própria questão da centralidade do uso da substância, tem sido mostrado de forma errônea e contraditória, tanto pela mídia, como pelo Estado e algumas outras instituições, como a justiça, a medicina e a religião/igreja. A pesquisa realizada pelos autores corrobora com os dados da atual vivência, sobre como a Cracolândia mostrou-se um grande local de transformações, na qual pode-se notar que ocorre um intenso sistema de trocas, não apenas materiais e sexuais, mas também afetivas e no âmbito das emoções, do cuidado e de tentativa de preservação da vida. Muitas relações vão sendo construídas no espaço, entre os próprios usuários e outros atores sociais, como, por exemplo, os redutores de danos.

O estado da arte realizado para o projeto de tese ajudou a conhecer melhor sobre a temática, o local e a população que seria estudada, porém foi apenas com a chegada em campo que a realidade realmente se apresentou. A teoria aliada a prática foi fundamental para o aprofundamento e conhecimento sobre as questões referentes as pessoas que usam drogas e para uma melhor compreensão sobre o fenômeno relacionado as questões do uso do crack.

Este resumo tem por objetivo apresentar algumas vivências do trabalho de campo realizado na Cracolândia paulistana, assim como refletir sobre a forma de

pensar e enxergar uma realidade tão distante da que era vivenciada até o momento.

## 2. METODOLOGIA

Este resumo trata-se de um relato de experiência da coleta de dados para a construção da tese de doutorado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. O local escolhido previamente durante a construção do projeto de tese foi a cena de uso de crack conhecida nacionalmente como Cracolândia, na cidade de São Paulo (SP), através da vivência em campo, com a colaboração da ONG de Redução de Danos É de Lei, que atua no território há 20 anos. A aproximação com alguns membros da instituição começou já em 2015, no início do período de doutorado, se consolidando em 2017, ao participar de um evento na cidade de Porto Alegre/RS, no qual a ONG estava representada por um de seus redutores mais antigos.

O Centro de Convivência É de Lei iniciou suas atividades em 1998, idealizado por Andrea Domânico e Cristina Brites, vinculadas ao Núcleo de Estudos para a Prevenção da AIDS (NEPAIDS), criado em 1991. Em 2001 tornou-se uma ONG e começou suas atividades voltadas ao cuidado de usuários de drogas injetáveis, através de trabalho de campo em boates e casas noturnas. Aos poucos foi se constituindo também como Centro de Convivência e levando o seu trabalho de campo para a região da Cracolândia (GODOY et al., 2014).

O trabalho de campo foi realizado no período de Março à Agosto de 2018, totalizando 6 meses, participando durante esse período de todas as atividades realizadas pelos redutores da ONG, como por exemplo, os acompanhando em todas as idas ao território e demais atividades, se tornando uma pesquisadora ativa durante o período que esteve em trabalho de campo, através da observação participante e da realização de entrevistas com os redutores e os usuários.

Além da ONG, a doutoranda também atuou junto ao coletivo “A Craco Resiste”, realizando diversas atividades culturais no território, o que tornou sua vivência em campo ainda mais intensa durante o período. A Craco Resiste é um coletivo autônomo que age na região da Cracolândia para denunciar violência policial e violação de direitos humanos. Muitos militantes do coletivo também são redutores da ONG, o que facilitou a circulação da doutoranda entre as atividades de ambos os grupos. A aproximação com o coletivo iniciou logo nas primeiras semanas do trabalho de campo, ainda no mês de março.

Ao final dos seis meses de coleta de dados, totalizou-se 60 dias em campo e aproximadamente 260 horas de observação, que estão registradas em anotações de diário de campo, que junto às entrevistas serão utilizadas para a análise de dados da tese. As vivências em campo ocorriam em diferentes dias da semana e horários, podendo ocorrer nos dias estabelecidos pela ONG, como aos finais de semana, de noite e até mesmo de madrugada, durante atividades culturais e vigílias realizadas entre as ações violentas da polícia e do município.

Essa disponibilidade de informações e a grande presença no território colaboraram para que a vivência fosse única e resultasse em cerca de 500 páginas de diário de campo, no qual está registrado de forma densa e detalhada cada dia da coleta de dados.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em São Paulo as pessoas que usam crack de forma mais abusiva (especialmente os usuários da Cracolândia) são chamados de “nóias”, que remete a um dos efeitos da substância: a paranoia. Contudo, não são todos que se assumem ou admitem ser chamados dessa maneira, ressaltando o forte estigma que a expressão carrega, até mesmo entre os próprios pares. Em contrapartida, outros se autodenominam “nóias”, como uma marca, uma maneira de sentir-se inseridos naquele grupo e território (RAUPP; ADORNO, 2010). Em campo isso era forte, ressaltando a singularidade presente em cada indivíduo, mesmo inseridos em um mesmo grupo, porém cada um com suas especificidades e vontades próprias.

Gomes et al (2015) falam sobre a importância de se repensar nos rótulos, pois as pessoas que se encontram na Cracolândia são geralmente vistas apenas como “pessoas que usam drogas”, “pessoas em situação de rua”, “pessoas que foram presas”, o que reduz os sujeitos a invisibilidade e ao preconceito, sem valorizar e enxergar seus saberes e marcas de vida. Com a vivência em campo foi possível corroborar com os achados desta pesquisa, pois as pessoas que estão lá são diariamente excluídas da sociedade, dos serviços de saúde, das políticas públicas, sendo vistas como merecedores do que estão vivendo. Porém, com a vivência em campo, conhecendo essas pessoas e tendo a possibilidade de ouvir suas necessidades e demandas, percebe-se que muitas estão lá por motivos alheios a sua vontade e com a invisibilidade que as afeta, as tornam ainda mais estigmatizadas e excluídas da sociedade, da família e das redes sociais e de amizade que antes podiam pertencer.

O É de Lei sempre priorizou as relações de trocas e com a constante presença em campo, os redutores de danos conseguiram com o tempo criar vínculos mais significativos com as pessoas que se encontravam naquela região e até mesmo ampliar as relações com os demais atores, como outros moradores e comerciantes e até os dias atuais realizam esse trabalho importante de RD na região da Cracolândia. A ONG realiza distribuição de insumos, como piteiras de silicone, manteigas de cacau, preservativos femininos e masculinos, gel lubrificante e panfletos informativos. Todos os materiais e kits de redução de danos acessados durante o período foram fundamentais para a expansão e fortalecimento dos conhecimentos em estratégias de redução de danos.

Durante esses seis meses as vivências em campo foram tão intensas que é difícil sistematizar em poucas palavras. Sobre o território, algumas observações são mais presentes no diário de campo, como em relação a dinâmica do fluxo. A música sempre faz parte do cenário (funk ou rap), conversas e muito barulho, seguidamente ouviam-se gritos, alguém passava declamando algo, falando alto, gritando, falando sozinho. O fluxo é assim, é barulhento, e se lá eles são chamados de zumbi, minha concepção de zumbi é muito diferente, porque o barulho presente no cotidiano da Cracolândia não é barulho de mortos.

Nas atividades do É de Lei e nas atividades culturais do coletivo (como Festa Junina, Samba na Craco, Jazz na rua), era possível conhecer mais o território, criando mais vínculo com as pessoas. A experiência e vivência de estar em campo é extremamente necessária para um trabalho que se dispõe a estar num território tão dinâmico como a Cracolândia.

Houve também momentos desagradáveis no campo, situações que fizeram repensar muitas coisas, mas também refletindo depois de alguns dias, era possível identificar que essas situações também fazem parte da construção das relações. É preciso muitas vezes entrar em confronto de ideias, é preciso discutir, trocar, isso é construção de vínculos, e os redutores também passam por situações diversas ao longo de cada campo, não há como prever o que pode

acontecer no território e nem há uma fórmula pronta sobre como agir em cada situação. É a experiência e o vínculo já construído que vão ditando a melhor maneira de agir e contornar os obstáculos em campo.

Cada dia em campo era um novo aprendizado, até mesmo a situação ruim e adversa tem o que o nos ensinar. Nesses seis meses de vivência a visão da doutoranda mudou significativamente, não há como entrar no território da Cracolândia e sair o mesmo, é um choque de realidade e cultura que transforma a maneira de enxergar o mundo e as relações, porém extremamente necessário para o embasamento teórico e de vida de qualquer pesquisador que se dispõe a enfrentar e conhecer outras realidades.

#### 4. CONCLUSÕES

A partir da vivência em campo foi possível conhecer a Cracolândia paulistana, assim como refletir sobre a forma de pensar e enxergar uma realidade tão distante da que era vivenciada até o momento, reconhecendo a importância da redução de danos, não somente nas questões que envolvem o consumo de substâncias psicoativas, mas também nas questões sociais que envolvem o indivíduo. Os agentes redutores de danos se tornam um elo de acesso entre as pessoas que usam drogas e os serviços de saúde, sociais e educacionais. Com a experiência em campo observou-se que a redução de danos é um serviço de cidadania para as pessoas que estão em situação de uso ou abuso de substâncias.

Essa vivência em campo foi extremamente potente e colaborou para a compreensão da realidade e da cena em que vivem as pessoas que usam drogas, sem que o foco seja apenas a substância ou suas características, mas especialmente o cotidiano dos usuários. É nesta perspectiva que novamente ressalta-se a importância deste trabalho, quando trilha uma perspectiva de compreender relações tão importantes como a dos usuários com os agentes redutores de danos. Estar em campo proporcionou a doutoranda novos olhares e o conhecimento de novas cenas de uso, novas trocas e interações. Todos esses dados farão com que os resultados da tese possam alcançar novas estratégias e colaborem na efetivação de novas políticas públicas baseadas nas vivências e experiências em campo.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, R.C.F. et al. Etnografia da cracolândia: notas sobre uma pesquisa em território urbano. **Saúde & Transformação Social**, Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 04-13, 2013.

GODOY, Aline, et.al. **I Fórum Estadual de Redução de Danos do Estado de São Paulo**. São Paulo: Córrego, 2014. 118p.

GOMES, Bruno Ramos et.al. Apresentação. In: Centro de Convivência É de Lei. **Cultura, juventudes e redução de danos**. São Paulo: Córrego, 2015. p. 07-16.

RAUPP, L.M.; ADORNO, R.C.F. Uso de crack na cidade de São Paulo/Brasil. **Revista Toxicodependências**, Lisboa, v. 16, n. 2, p. 29-37, 2010.